



Este periódico está licenciado sob uma licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 3.0 Não Adaptada

**Você tem direito de:**

**Compartilhar** — copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato

O licenciante não pode revogar estes direitos desde que você respeite os termos da licença.

**De acordo com os termos seguintes:**

**Atribuição** — Você deve atribuir **o devido crédito**, fornecer um link para a licença, e **indicar se foram feitas alterações**. Você pode fazê-lo de qualquer forma razoável, mas não de uma forma que sugira que o licenciante o apoia ou aprova o seu uso.

**NãoComercial** — Você não pode usar o material para **fins comerciais**.

**SemDerivações** — Se você **remixar, transformar ou criar a partir** do material, você não pode distribuir o material modificado.

**Sem restrições adicionais** — Você não pode aplicar termos jurídicos ou **medidas de caráter tecnológico** que restrinjam legalmente outros de fazerem algo que a licença permita.



This Journal is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivs 3.0 Unported.

**You are free to:**

Share — copy and redistribute the material in any medium or format

The licensor cannot revoke these freedoms as long as you follow the license terms.

**Under the following terms:**

**Attribution** — You must give **appropriate credit**, provide a link to the license, and **indicate if changes were made**. You may do so in any reasonable manner, but not in any way that suggests the licensor endorses you or your use.

**NonCommercial** — You may not use the material for **commercial purposes**.

**NoDerivatives** — If you **remix, transform, or build upon** the material, you may not distribute the modified material.

**No additional restrictions** — You may not apply legal terms or **technological measures** that legally restrict others from doing anything the license permits.

**Dioney M. Gomes**

(Laboratório de Línguas Indígenas - UnB)<sup>1</sup>

## **Passiva em Mundurukú (Tupí): uma interseção entre reflexivas/recíprocas e causativas de transitivo**

**ABSTRACT:** The Munduruku language (Tupi branch) has a passive construction, in which the transitive verb is intransitivized, the logical subject (the agent) is demoted to an oblique function, and the direct object (the patient) becomes the subject of the sentence. Two affixes appear in the verb: an intransitivizer, *je-*, and another responsible for the demotion of the subject of the sentence, *-at*. The first is the same used in the intransitivization of the reflexive/reciprocal constructions, and the second is the same used in causative constructions of transitives. The importance of the study of the passive in Munduruku is just the intersection among passive, reflexive/reciprocal and causative of transitives.

**KEYWORDS:** Munduruku; Passive; Reflexive; Reciprocal; Causative of transitives.

**RESUMO:** A língua Mundurukú (tronco Tupí) apresenta uma construção passiva em que um verbo transitivo é intransitivizado, o sujeito lógico (agente) é demovido para uma função oblíqua, e o objeto direto (paciente) passa a ocupar a função de sujeito da oração. Para tanto, utilizam-se dois afixos no verbo: um intransitivizador, *je-*, e um demovedor de sujeito lógico, *-at*. O primeiro é o mesmo utilizado na intransitivização de construções reflexivas/recíprocas e o segundo é o mesmo encontrado em construções causativas de verbos transitivos. É justamente nessa interseção entre passiva, reflexiva/recíproca e causativa de transitivo que reside o foco principal de interesse do estudo da passiva em Mundurukú, tanto do ponto de vista do entendimento do funcionamento da própria língua, quanto do ponto de vista da teorização lingüística.

**PALABRAS CLAVE:** Mundurukú; Passiva; Reflexiva; Recíproca; Causativa de transitivos.

### **0. INTRODUÇÃO**

Este artigo visa apresentar a construção passiva na língua Mundurukú (família Mundurukú, tronco Tupí). O interesse de tal construção para os estudos lingüísticos reside nas afinidades entre *passiva* e *causativa*, por um lado, e *passiva* e *reflexiva/recíproca*, por outro, já discutidas por Comrie (1974), Shibatani (1985), entre outros. O estudo da passiva em Mundurukú pode contribuir para entender melhor tais afinidades na medida em que, nesta língua, ela se constrói com dois afixos, um encontrado também na construção reflexiva/recíproca

---

<sup>1</sup> Doutorando em Lingüística na Universidade de Brasília, com apoio do IRD (Institut de Recherche pour le Développement, França).

e o outro encontrado também na construção causativa de transitivo. Além disso, a passiva colabora no estudo das relações entre argumentos e predicados, contribuindo para a discussão que envolve papéis sintáticos e papéis semânticos.

A primeira seção destina-se à apresentação dos verbos intransitivos e transitivos, e a segunda apresenta evidências de construção passiva em Mundurukú. A seção 3 discute o morfema *je-*, seus contextos de ocorrência e sua relação com a passiva. A seção 4 apresenta o outro morfema participante da passiva, *-at*, que também ocorre em construções causativas. A última seção apresenta a relação entre passiva, reflexiva/recíproca e causativa.

## 1. VERBOS INTRANSITIVOS E TRANSITIVOS

A análise dos verbos Mundurukú segundo o número de argumentos que solicitam indica duas classes verbais, uma intransitiva e outra transitiva. Os verbos intransitivos são os que requerem apenas um argumento, apresentando um comportamento morfossintático distinto em relação aos verbos transitivos, como, por exemplo, a presença da marca de sujeito no verbo, desde que o aspecto seja perfectivo, por meio de marcadores clíticos de pessoa (Gomes, 2002b).

Já os verbos transitivos, além de terem a mesma marcação clítica de sujeito que os intransitivos processuais, desde que sob as mesmas condições (aspecto perfectivo), apresentam uma posição morfológica obrigatória de referência ao objeto direto imediatamente antes do tema, a qual é marcada morfológicamente por prefixos relacionais no verbo (Gomes, 2000, 2001). Esse traço morfológico os diferencia dos verbos intransitivos processuais<sup>2</sup>. Em (1), apresenta-se um intransitivo processual, o qual não marca morfológicamente a relação com o seu sujeito por meio de prefixos relacionais<sup>3</sup>.

- (1) bio o' = jenapõn tip tag̃  
 anta 3Sa=fugir.PRF<sup>4</sup> MATO POSP  
 'A anta fugiu pelo mato'

<sup>2</sup> Há duas classes de verbos intransitivos morfológica e semanticamente distintas em Mundurukú: processuais e estativos. Para mais informações, ver Gomes (2000, 2003).

<sup>3</sup> Há um alinhamento absolutivo entre a marcação pessoal do objeto direto dos verbos transitivos e a marcação pessoal dos verbos intransitivos estativos, ver Gomes (2000, 2002a e b, 2003).

<sup>4</sup> ABREVIATURAS: **CAUS1** Causativo de intransitivo; **CAUS2** Causativo de transitivo; **CL** Classificador; **CNT** (Indicador de determinante) contíguo; **DAT** Dativo; **INTR** Intransitivizador; **IPRF** Aspecto Imperfectivo; **NCNT** (Indicador de determinante) não-contíguo; **NOM** Nominalizador; **o** Marcador clítico de objeto; **OBL** Oblíquo; **OCS** Objeto correferencial do sujeito; **PL** Plural; **POSP** Posposição; **PRF** Aspecto perfectivo; **RFX** Reflexivo; **Sa** Marcador clítico de sujeito de verbo transitivo e de verbo intransitivo processual; **So** Marcador clítico de sujeito de verbo intransitivo estativo; **SUB** subordinador; **1** Primeira pessoa, 'eu'; **1 2** Primeira pessoa inclusiva, 'nós'; **1 3** Primeira pessoa exclusiva, 'nós'; **2** Segunda pessoa, 'tu'; **2 3** Segunda pessoa plural, 'vós'; **3** Terceira pessoa, 'ele (a), eles (as)'.

Já em (2) e (3), *d-* e *t-* marcam, respectivamente, a contigüidade (CNT) e a não-contigüidade (NCNT) do objeto direto em relação ao verbo<sup>5</sup>.

(2) João bio d – akatka - n<sup>6</sup>  
João anta CNT-cortar - IPRF  
'João está cortando a anta'

(3) kuy o' = t-akat  
já 3sa=NCNT-cortar.PRF  
'Já a cortou'

Destaca-se que os participantes nucleares (sujeito e objeto) em Mundurukú não são marcados morfologicamente para caso (v. *João* e *bio*), operando-se a sua identificação na ordem de constituintes (SOV) e na marcação, sob certas circunstâncias, desses argumentos no verbo.

## 2. CONSTRUÇÃO PASSIVA?

Interessa, neste momento, entender o contraste entre as construções (4a) e (4b). Em (4a), tem-se um verbo com dois argumentos nucleares, *Zenildo* e *bararakat*, ambos marcados no verbo por, respectivamente, *o'* e *jo-*, e a construção tem interpretação ativa: *Zenildo viu a escrita*.

(4) a) Zenildo bararakat o' =jo - jo  
Zenildo escrita 3sa= NCNT-ver.PRF  
'Zenildo viu a escrita.'

Já no exemplo (4b), encontram-se presentes os mesmos participantes, mas o participante prototipicamente agente está acompanhado por uma posposição: *Zenildo be*. Além disso, o verbo sofreu as seguintes alterações morfológicas: perdeu a marca de referência ao objeto (*jo-*) e ganhou duas outras marcas: o prefixo *je-* e o sufixo *-at*. A interpretação sugerida pelo informante foi: *A escrita se deixou ler por Zenildo*.

(4) b) bararakat o' =je - jo - at Zenildo be  
escrita 3sa=? -ver - ? Zenildo POSP  
'A escrita foi vista pelo Zenildo'

<sup>5</sup> Há duas classes morfológicas de verbos transitivos, chamadas apenas de classe I e classe II. Verbos da classe I marcam a contigüidade com  $\emptyset$ - e a não-contigüidade com *i-* (alomorfes: *i-*, *jo-*, *ju-*, *su-*, *y-*); verbos da classe II, com *d-* (alomorfes: *d-*, *n-*, *t-*) a contigüidade e com *t-* a não-contigüidade, conforme 2 e 3 exemplificam (Gomes 2000, 2001 e 2002).

<sup>6</sup> Principalmente os verbos em Mundurukú se submetem a processos de reduplicação para expressar progressividade, repetição ou intensidade de uma ação, ou até quantidade de participantes.

Há, portanto, indícios de se estar diante de uma construção passiva (ou mesmo causativo-passiva).

Em resumo, são as seguintes as características de construções do tipo 4b (*je + verbo + at*):

A) Morfologia:

- i. No verbo, não existe mais referência ao objeto, somente referência ao sujeito, e há dois novos morfemas: *je-* e *-at*;
- ii. O argumento destituído (o agente) é marcado por uma posposição, como os oblíquos (mas é importante ressaltar que, por sua vez, nem o SN sujeito nem o SN objeto recebem uma marca morfológica);

B) Sintaxe:

- i. O controle de correferência é sempre feito pelo sujeito, como mostra o exemplo (5a) abaixo, exemplo de construção transitiva, em que é Alice o controlador da ação de *fugir*, não havendo ambigüidade:

- (5) a) Alice apat o=jo - jo [o'=jenapõn]  
 Alice jacaré 3Sa= NCNT-ver 3Sa=fugir  
 'Alice<sub>i</sub> viu<sub>i</sub> o jacaré e fugiu<sub>i</sub>'

Já na construção 5b, exemplo de construção passiva, é o jacaré (o paciente) que controla a referência do verbo *fugir* e, portanto, é ele o sujeito da construção e não Alice:

- (5) b) apat Alice be o'=je - jo - at [o'=jenapõn]  
 jacaré Alice POSP 3Sa=? - ver - ? 3Sa=fugir  
 'O jacaré<sub>i</sub> visto<sub>i</sub> por Alice fugiu<sub>i</sub>'

- ii. A ordem SOV torna-se SV(OBL), ordem preferencial dos oblíquos (v. 1, 4b, 6b, 7).

C) Semântica:

- i. A interpretação é passiva (ou mesmo causativo-passiva): *O jacaré foi visto por Alice* ou *O jacaré se deixou/ se fez ver por Alice*.

Os pares em (6) reforçam a validade da hipótese de construção passiva.

- (6) a) Bekicat ako Ø - ba o'=su - ba - 'o  
 menino banana CNT-CL 3Sa= NCNT-CL-comer.PRF  
 'O menino comeu a banana'
- (6) b) Ako Ø - ba o'=je - ba - 'o - at (bekicat be)  
 banana CNT-CL 3Sa=? - CL - comer-? (menino POSP)  
 'A banana foi comida (pelo menino)'

Além de apresentar as mesmas características da construção em (4b), (6b) foi primeiramente elicitada sem a presença do agente. Para recuperá-lo opcionalmente no contexto de enunciação, deve-se lançar mão do uso da posposição, marcação tipicamente não nuclear.

Ainda na linha de interpretação periférica do agente em construção passiva, o exemplo (7) a seguir mostra que o argumento originalmente agente, ‘a mãe zangada’ em português, é representado por uma construção subordinada de natureza adverbial, periférica em Mundurukú.

- (7) [bekicat o’=j – aokaka - at] [I - xi [i – takomã buye]]  
 [menino 3sa=?-apanhar-?] [NCNT-mãe[NCNT-estar.zangado SUB]]  
 ‘A zanga da mãe fez o menino apanhar’

O argumento *bekicat* (paciente) é o sujeito do agora intransitivo verbo *-j-aokaka-at*, e a tradução mais próxima da literal seria: *o menino foi surrado porque a mãe estava zangada*.

Assim, do ponto de vista da tipologia de construções passivas (Meillet, 1948; Perlmutter & Postal, 1977 revisado em 1983; Givón, 1979; Shibatani, 1985; Blevins, 2003)<sup>7</sup>, o Mundurukú tem construção passiva: o agente perde grau de importância sintática e pragmática, o paciente torna-se sujeito gramatical, assumindo papéis reservados a essa função sintática, e passa a ser o constituinte pragmaticamente mais relevante, o verbo é intransitivizado<sup>8</sup>, e a ordem preferencial de palavras (SVOBL) explicita uma hierarquia sintático-pragmática entre o novo sujeito (paciente) e o antigo sujeito (agente).

A seguir, formulam-se hipóteses sobre a morfologia da construção passiva (com *je-* e *-at*) e a relação dessa construção com outras construções em Mundurukú, como a reflexiva/recíproca e a causativa de verbo transitivo.

### 3. SOBRE O PREFIXO *JE-*

O prefixo *je-* é atestado em dois outros contextos<sup>9</sup>: construções reflexivas/recíprocas e derivação verbal.

<sup>7</sup> Não é objetivo de este texto discutir se há promoção do paciente ou demissão do agente; se é na sintaxe ou na pragmática que reside a função maior da construção passiva; ou nem mesmo se está na mudança da ordem, na marcação pessoal ou nas relações gramaticais a principal característica da passiva.

<sup>8</sup> O verbo intransitivizado da construção passiva recebe as marcas pessoais da classe de intransitivos processuais, aqueles que apresentam alinhamento nominativo na língua.

<sup>9</sup> O prefixo *je-* presente na construção passiva não será tomado, *a priori*, como diferente (homônimo) do prefixo *je-* analisado nesta seção.

### 3.1. Construções reflexivas e recíprocas

Construções reflexivas e recíprocas apresentam as mesmas propriedades formais, cabendo ao contexto de uso a diferenciação entre elas. Em construções desse tipo, o prefixo *je-* desempenha o papel de intransitivizador (Gomes, 2000).

Nos exemplos abaixo, os verbos transitivos *don* ‘pintar’ (8a) e *a* ‘morder’ (8b) tornam-se, respectivamente, reflexivo e recíproco: *we-* indica a correferencialidade entre sujeito e objeto, e *je-* é responsável pela sua intransitivização:

- (8) a) je - we - do - n            ãn  
 INT-OCS -pintar -IPRF        eu  
 ‘Eu vou me pintar’
- (8) b) xepxep    akurice    yũ    o’ = je - w - ahaha        ip    kapusu  
 dois            cachorro PL    3sa= INT-OCS-morder.PRF    eles ontem  
 ‘Dois cachorros se morderam ontem.’

### 3.2. Derivação verbal

Bases não-processuais podem receber o morfema *je-*, para indicar processo (Gomes, 2000)<sup>10</sup>. Desse modo, de uma base como *kajepi* ‘calor’ deriva-se *jekajepi* ‘suar’. *Je-* se junta a substantivos, a locativos e, sobretudo, a verbos intransitivos estativos, para formar um verbo intransitivo processual. Assim, de *õcõcõ* ‘gripe/tosse’ faz-se *jeõcõcõ* ‘tossir’; de *um* ‘lá em cima’, *jeum* ‘subir’; de *bağ*, *bağ*, ‘estar quebrado’ forma-se *jebağ*, *bağ*, ‘quebrar-se’.

### 3.3. Pré-conclusão

Sobre os dois contextos de ocorrência do morfema *je-* (construção reflexiva/recíproca e derivação verbal), pode-se afirmar, *a priori*, tratar-se do mesmo morfema com função básica de formar verbos intransitivos processuais.

Em relação à passiva, a função do *je-* seria diminuir a valência sintática da base transitiva. Mas, para se entender o porquê disso, é preciso discutir a origem e a função do sufixo *-at*, também presente na construção passiva.

## 4. SOBRE O MORFEMA -AT

*-at* aparece em dois contextos distintos, *nominalização* e *causativização de transitiva*, o que faz pensar tratar-se, *a priori*, de dois sufixos diferentes, apenas homônimos.

<sup>10</sup> Estuda-se a possibilidade de atribuir ao *je-* a função de promover uma espécie de voz média.

#### 4.1. Nominalização

Abaixo, os exemplos (9a) e (9b) giram em torno da base verbal estativa *parara* ‘ter medo’. Em (9a), há um argumento, o sujeito, o qual ocorre externamente ao predicado, tendo sua característica de *externo* evidenciada pelo uso do prefixo relacional de não-contigüidade (*i-*):

- (9) a) [João] [i - parara] ‘João tem medo’  
 João NCNT-ter.medo

Já (9b) é a forma nominalizada desse verbo, que passa a poder exercer função de argumento de outro verbo. Não se está mais diante de uma predicação verbal como em (9a), fato comprovado pelo prefixo de contigüidade ( $\emptyset$ -), que marca a presença, à esquerda e dentro do sintagma nominal, do possuidor do agora nome/argumento *-parara-at* ‘medo de’.

- (9) b) [João  $\emptyset$  - parara - at] [o’i= ãm]  
 João CNT-ter.medo-NOM 3Sa=acabar.PRF  
 ‘O medo de João acabou’

#### 4.2. Causativo de verbo transitivo<sup>11</sup>

O sufixo *-at* pode ser acrescentado a verbos transitivos simples ou a transitivos derivados por causativização:

- (10) a) Pedro akurice o’ = jo - wuy  
 Pedro cachorro 3Sa = NCNT - lavar.PRF  
 ‘Pedro lavou o cachorro’
- (10) b) Maria **Pedro be** akurice o’= jo - wuy - **at**  
 Maria Pedro POSP cachorro 3Sa= NCNT-lavar.PRF-CAUS2  
 ‘Maria fez Pedro lavar o cachorro’

Esse sufixo introduz um terceiro participante (*Maria* em 10b), que “(...) é o sujeito da construção causativa, enquanto o sujeito da transitiva básica passa a complemento oblíquo marcado pela posposição *be* [*Pedro be* (10b)], (...) sendo mantido o mesmo objeto direto [*akurice* (10a e b)].” (Angotti, 1998: 23).

<sup>11</sup> O morfema que forma verbos causativos a partir de intransitivos é *mu-* ~ *muy-*:

João ‘at’an ‘João está caindo’  
 Maria João muy-‘at’an ‘Maria está fazendo João cair’



Do ponto de vista de uma causativa de transitivo prototípica (Comrie, 1974, Dixon, 2000), esta construção em Mundurukú tem comportamento típico: inclusão de um causador na posição de sujeito, passando o sujeito lógico para a primeira posição vaga – a posição de oblíquo – e mantendo-se o objeto intocado.

A pergunta que se põe é a seguinte: qual é a relação entre a construção causativa e a construção passiva?

### 4.3. Hipótese sobre a função do morfema *-at*

Propõe-se aqui que o *-at* da causativa de transitivo destitui o sujeito da construção não-causativa (o causado), que pode ser recuperado sob forma de oblíquo, e libera um vaga no predicado, que será ocupada por um argumento não-presente na construção não-causativa (o causador). Sugere-se, inicialmente, que apenas a valência semântica do verbo é aumentada.

## 5. A PASSIVA

Defende-se, então, que o *-at* da passiva e o *-at* da causativa de transitivo seriam o mesmo morfema, com função semelhante: assim como nas causativas de transitivo, também nas passivas o *-at* libera uma vaga no predicado, destituindo o sujeito lógico, que será ocupada pelo objeto, graças ao morfema *je-*, que reduz o número de argumentos da construção, intransivizando o verbo, como se mostrou na seção anterior. Assim, na causativa de transitivo, o novo sujeito sintático é um tipo de agente mediato/indireto; na passiva, o novo sujeito é paciente. Tanto em uma quanto em outra, o agente, o sujeito lógico, é demovido para um *status* sintático periférico, torna-se um oblíquo.

Essas idéias encontram respaldo na literatura sobre a relação da passiva com outras construções: “In languages of the world, the passive expression is related to constructions such as reflexives and reciprocals. (...) It is historically more likely that passive interpretations and their grammaticization arose from other constructions.” (Shibatani, 1985: 846). A relação entre passiva e causativa também pode ser encontrada na literatura (Comrie, 1974; Marantz, 1981). Em uma língua Bantu, por exemplo, a língua Chichewa, citada por Marantz (1981: 142): “The combination of passive and causative morphology on Chichewa verb can indicate that an NP bearing the instrument semantic role appears as the SUB of the verb.” Embora não seja tal combinação o fato aqui discutido para o Mundurukú, o efeito de destituir o sujeito lógico é o mesmo encontrado em ambos os casos. Além disso, um argumento com papel semântico de não-agente ocupa a posição de sujeito, no caso da língua Bantu citada um instrumental; no caso do Mundurukú, um causador na causativa e o paciente na passiva.

O fato de a construção passiva em Mundurukú promover a interseção entre reflexivas e causativas de transitivo merece destaque. Se, por um lado, já se identificou a relação *passiva/reflexiva* e, por outro, a relação *passiva/causativa*, o Mundurukú evidencia um esquema mais abrangente: *reflexiva – passiva – causativa*. Essa língua faz convergir, na passiva, o princípio de intransitivização das reflexivas e o princípio da demissão do sujeito lógico da construção para liberar a entrada nesta posição de um sujeito com grau de

agentividade menor, um *paciente* na passiva e um *agente indireto* na causativa de transitivo. Além disso, em ambas, o sujeito lógico passa a ter o mesmo *status* sintático periférico (oblíquo).

Ainda, do ponto de vista tipológico, o Mundurukú comportaria uma construção muito próxima do protótipo de passiva proposto por Shibatani (1985):

- a) Função pragmática primária: desfocalização do agente (*defocusing of agent*);
- b) Propriedades semânticas:
  - i. Valência semântica: predicado (agente, paciente)
  - ii. O sujeito é afetado.
- c) Propriedades sintáticas:
  - i. Codificação sintática: agente → oblíquo ou  $\emptyset$  (não codificado)<sup>12</sup>
  - ii. Valência do P[redicado]: ativo = P/n<sup>13</sup>  
passivo = P/n-1
- d) Propriedades morfológicas:
  - i. Ativo: P
  - ii. Passivo: P [+passivo]

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A passiva Mundurukú é uma forma morfológicamente marcada em contraste com a forma ativa, fato típico de línguas que têm tal construção. Além disso, sua frequência de ocorrência é baixa quando comparada com a da forma ativa. Em Mundurukú, as construções passivas são mesmo de uso raro e despertam interpretações peculiares, diferentes das presentes em uma passiva típica. Por exemplo, (11) é uma construção retirada de um texto, que conta a história do filho de um deus, que, mesmo doente, mantinha relações sexuais com as mulheres que iam visitá-lo. Seu pai, para castigá-lo, transformou-o em uma anta, fazendo o focinho da anta a partir do pênis do rapaz. A anta-homem foi para o rio, onde continuou a manter relações com as mulheres que iam se banhar:

<sup>12</sup> Neste ponto, o Mundurukú afasta-se ligeiramente da passiva prototípica, em cuja grade argumental não haveria espaço para o agente, que não é codificado de maneira alguma na sintaxe.

<sup>13</sup> n = número de argumentos.

- (11) ayacat je - dabi - 'o'o - a - n [texto]  
mulheres INTR-vagina-comer-CAUS2-IPRF  
'As mulheres se entregavam a ela (à anta)'

O que se deve destacar é que, apesar de ser uma construção passiva como se demonstrou aqui, o papel semântico de *ayacat* (mulheres) não é o de um paciente típico, pois há um consentimento desse participante no processo instaurado pelo verbo. Quer-se dizer que o paciente na passiva é uma espécie de co-responsável pela ação, e não uma mera vítima, pois ele se solidariza com o agente.

O afixo *-at* discutido aqui tem a função básica de destituir o sujeito lógico em construções transitivas, seja para introduzir em seu lugar um causador externo (agente indireto), como em uma causativa, seja para introduzir o paciente, originalmente um objeto direto. O destino do sujeito lógico é o mesmo tanto na passiva quanto na causativa: torna-se um oblíquo, marcado por posposição. Finalmente, vale lembrar ainda que a passiva compartilha também da morfologia de intransitivização presente nas reflexivas/recíprocas.

---

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACKERMAN, F. (1992). Complex predicates and morpholexical relatedness: Locative inversion in Hungarian. In I. A. Sag and A. Szabolcsi (eds.) *Lexical Matters*, pp. 55-83. Stanford: CSLI.
- ANGOTTI, M.L.O. (1998). *Causativização em Mundurukú: aspectos morfo-sintáticos*. Dissertação de Mestrado: UnB.
- BLEVINS, J.P. (2003). Passives and impersonals. *Journal of Linguistics* 39(3): 473-520.
- COLE, Peter & SADOCK, M. (eds.). (1977). *Grammatical Relations. Syntax and Semantics* 8. New York: Academic Press.
- COMRIE, B. (1977). In defense of spontaneous demotion: The impersonal passive. In Cole & Sadock, pp. 47-68.
- \_\_\_\_\_. (1975). Causatives and universal grammar. *Transactions of the Philological Society 1974* (Oxford: Basil Blackwell): pp.1-32.
- \_\_\_\_\_. (1988). Passive and voice. In SHIBATANI, M. (ed.). *Passive and voice*, pp.9-23. Amsterdam: John Benjamins.
- CROFTS, M. (1973). *Gramática Mundurukú*. Brasília: SIL.
- \_\_\_\_\_. (1985). *Aspectos da Língua Mundurukú*. Brasília: SIL.
- DIXON, R.M.W. (2000). A typology of causatives: form, syntax and meaning. In DIXON, R.M.W. & AIKHENVALD, A.Y. (eds.). *Changing Valency – Case studies in transitivity*, pp. 30-83. Cambridge: Cambridge University Press.
- GIVÓN, T. (1979). *On understanding grammar*. New York: Academic Press.
- GOMES, Dionei M. (2000). *Predicados Verbais da Língua Mundurukú e Modelos Lexicográficos*. Dissertação de Mestrado. Brasília: UnB.
- \_\_\_\_\_. (2001). Identificando a flexão relacional em Mundurukú. *Boletim da ABRALIN* 26, vol. 1: 263-284. Fortaleza: Imprensa Universitária / UFC.

- \_\_\_\_\_.(2002a). Paralelismos morfossintáticos entre Mundurukú e Tupi-Guaraní. In Cabral, A.S.A.C. & A. D. Rodrigues (orgs.). *Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história*, pp. 234-242. Belém: EDUFPA.
- \_\_\_\_\_.(2002b). A natureza clítica dos marcadores de pessoa em Mundurukú. *Revista Planalto: Lingüística* 1: 55-73. Brasília.
- \_\_\_\_\_.(2003). Cisão na classe de intransitivos em Mundurukú. In *II Encontro Nacional do Grupo de Estudos da Linguagem do Centro-Oeste*. Goiânia: Goiás.
- HOPPER, P.J. & THOMPSON, S.A. (1980). Transitivity in Grammar and Discourse. *Language* 56: 251-99.
- JESPERSEN, O. (1924). *The philosophy of grammar*. London: Allen & Unwin.
- MARANTZ, A. (1984). *On the nature of grammatical relations*. MIT Press: Cambridge.
- MEILLET, A. (1948). *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Champion.
- PERLMUTTER, D. & POSTAL, P. (1977). Toward a universal characterization of passivization. *Berkeley Linguistic Studies* 3: 394-417.
- SADLER, L. & SPENCER, A. (1998). Morphology and argument structure. In A. Spencer and A. M. Zwicky, (eds). *Handbook of Morphology*, pp. 206-236. Blackwell Publishers Ltd.
- SHIBATANI, M. (1985). Passives and related constructions: a prototype analysis. *Language* 61(4): 821-848.

Recebido: 15/05/2004

Revisto: 28/06/2004

Aceito: 30/07/2005